

**O DESENVOLVIMENTO DO EMPODERAMENTO FEMININO COMVÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

The development of female empowerment with victims of domestic violence

Eice de Almeida Vieira¹

Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB) – Barreiras/Bahia
vieiraeice@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/5050882015653514>

Anchielle C. H. Silva²

Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB) – Barreiras/Bahia
anchychs@yahoo.com.br <http://lattes.cnpq.br/7598871327959147>

RESUMO: Compreende-se que o empoderamento feminino é um processo de crescimento pessoal e social. Processo esse, apoiado pelo feminismo, que busca, colocar as mulheres em pé de igualdade na sociedade, como a promoção dessas mulheres em cargos de liderança e liberdade de expressão. Porém, nem todas vivem uma realidade em que o empoderamento existe, a história nos traz que a construção do que é ser mulher é tomada por machismo e opressão, tornando-se uma luta diária para desconstruir essa concepção tão naturalizada. Nesse aspecto, o presente artigo possui como objetivos: compreender o entendimento e a vivência do processo de empoderamento de mulheres vítimas de violência, como também; entender de que maneira a sororidade influencia no crescimento individual e coletivo das mulheres e identificar como as mulheres se sentem diante o sexismo. Para isso, foi utilizado como método a pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. cinco mulheres foram entrevistadas pela metodologia semiestruturada. Observa-se nas vivências e nos discursos dessas mulheres que estão em um processo, desenvolvendo o empoderamento, aprendendo se posicionar diante das situações que as oprimem.

Palavras-chave: mulheres, mudança, autonomia, papéis de gênero.

ABSTRACT: It is understood that female empowerment is a process of personal and social growth. This process, supported by feminism, which seeks to place women on an equal footing in society, such as the promotion of these women in positions of leadership and freedom of expression. However, not all of them live a reality in which empowerment exists, history tells us that the construction of what it means to be a woman is taken by machismo and oppression, becoming a daily struggle to deconstruct such a naturalized conception. In this aspect, this article has the following objectives: understanding the understanding and experience of the empowerment process of women victims of violence, as well as; understand how sorority influences the individual and collective growth of women and identify how women feel about sexism. For this, qualitative, descriptive and exploratory research was used as a method. Five women were interviewed through a semi-structured interview. It is observed in the experiences

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB) – BA

² Mestranda em Psicologia e professora no Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB) – BA

and in the speeches of these women who are in a process, developing empowerment, learning to take a stand in the situations that they oppressed.

Keywords: women, change, autonomy, gender roles.

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO; 1 MÉTODO; 2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO; 3 ASPECTOS ÉTICOS; 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO; 4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS; 5 EMPODERAMENTO E LIBERDADE; 6 SER MULHER: VIVER SOB CONTROLE, SEXISMO E MISOGINIA; 7 SORORIDADE; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

A busca pelo empoderamento feminino surge por meio dos movimentos feministas a partir 1970 (TOLEDO, 2017). Assim, a palavra empoderar tem o prefixo de ação, de agente ativo em determinadas ocasiões e circunstâncias, ainda assim, ressalta que empoderamento é dar poder, dar liberdade e autonomia. Além disso, há dois pressupostos predominantes de empoderamento no feminismo, um voltado para o coletivo e o outro para o individual. O coletivo diz sobre o apoio entre mulheres e a mulheres, um fortalecer conjunto que pode estabelecer movimento para desconstrução dos papéis de gênero arraigados socialmente. O empoderar-se é também um ato subjetivo, dar-se autonomia e independência, sendo também uma política (ROSO; ROMANINI, 2014).

O feminismo é lembrado pelas lutas reivindicatórias, feitas por mulheres e para mulheres, lutando pelo seus direitos. Na atualidade não é bastante diferente, a cada dia, mulheres lutam por suas vidas e mesmo com o crescente movimento da busca pela igualdade, inclusive sendo apoiando por políticas públicas legais, com a Lei Maria Da Penha, cresce os atos de violência contra mulher, sendo três vezes maior em relação aos homens, em casos domiciliares 43,1%, em vias públicas 32,2%, são de pessoas conhecidas, 29,1% pessoas desconhecidas e 25,9% pelo cônjuge ou ex (CERQUEIRA; MOURA; PASINATO, 2019). São mais de 1.3 milhões de mulheres segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2009) e apenas 22,1% denunciam enquanto que 20,8 não fazem a denúncia. Essa violência cresce dentro do lar e a probabilidade de uma criança (meninas e, ou meninos) reproduzir na vida adulta, em suas relações afetivas são maiores (REEBYE, 2005).

Nota-se a importância das mulheres desenvolverem o processo de empoderamento para reconhecerem suas potencialidades e habilidades, e assim, romper com as barreiras impostas pelo contexto socioculturais. Para isso também é necessário se reconhecerem, precisam compreender o seu significado. Ser mulher remete à questão de gênero, pois considera, com

maior ênfase social o fator da reprodução/o biológico, nesse sentido, percebe-se uma limitação do termo em si, mulher é muito mais do que o órgão genital; É sentir-se, ter representação, e delimitação de papéis (GUEDES, 1995).

Em suma, com os reflexos do contexto sócio histórico, que vem ao longo de gerações construindo obrigatoriedades e responsabilidades aderidas ao sexo feminino em decorrência das crenças patriarcais, torna-se necessário uma psicoeducação tanto, quanto, familiar, social, cultural e da própria mulher. Assim, o referido trabalho busca compreender como as mulheres em situações de violência doméstica, entendem e vivem o empoderamento feminino. Este é um recorte da pesquisa que possui a temática- Ser Mulher: Aspectos Psicossociais do Empoderamento Feminino, criado dentro de um estágio curricular. Portanto, a partir das análises das entrevistas foram definidas as seguintes categorias: empoderamento e liberdade; ser mulher: viver sob controle, sexismo e misoginia e sororidade.

1 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com delineamento exploratório – descritivo, determinada pelo Estágio Básico regulamentado pela Matriz Curricular 100095 e 100108. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo o aprimoramento de ideias e nos permite maior familiaridade com problema. Já a pesquisa de modelo descritivo, apresenta um fenômeno ou características de uma população, nesse caso, a descrição das principais características de uma amostra de cinco mulheres com idade entre 30 a 42 anos. Sendo realizada em um Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), onde são atendidas mulheres vítimas de violência. No momento, o total são 485 mulheres cadastradas, tendo direito a acolhimento, atendimento psicológico, orientação e encaminhamento jurídico.

2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO

A pesquisa foi realizada em turno matutino em dias úteis. A coleta de dados aconteceu através de uma entrevista semiestruturada, com duração de aproximadamente de 50 minutos, no período de setembro de à outubro de 2019. A seleção das participantes foi feita por meio de convite feito diretamente as participantes de um Centro de Referência de Atendimento à Mulher(CRAM), após concordarem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE), foi feita a entrevista. Aquelas que aceitaram participar da pesquisa foram

conduzidos individualmente para a sala da psicóloga da instituição, uma sala reservada fornecida para a coleta, para então ser feita a coleta e assinatura do TCLE. Esteve presente apenas a pesquisadora, a psicóloga da própria instituição, por solicitação da mesma, e o participante da pesquisa na referida sala, visando maior privacidade e segurança.

Foi utilizado uma entrevista semiestruturada, subdividida em “perfil sociodemográfico” e “questões centrais de temática”. Um instrumento construído pela pesquisadora responsável e os alunos pesquisadores a partir do referencial teórico utilizado, tendo 11 questões a respeito. Para tratamento dos dados qualitativos foi usada análise do discurso de Orlandi, (2012), em questão análise feitas a partir do interdiscursos observados através do alocução das mulheres. A análise do discurso é conjunto de técnicas de análise da comunicações que produz sentidos e significados na variedade de amostragem presentes, dessa forma, examina as respostas dadas, de acordo os objetivos da pesquisa e à luz do referencial teórico utilizado. Nesse sentido, o método de análise dos dados apresenta aos pesquisadores um caminho multifacetado.

3 ASPECTOS ÉTICOS

Todos os aspectos éticos foram seguidos de acordo com a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde no Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade São Francisco de Barreiras/FASB, com o CAAE 17030619.40000.526. Aprovado em agosto de 2019, telefone: 3613-8854, e-mail: cepfasb@fasb.edu.br.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

A tabela 01, apresenta o perfil das cinco participantes que foram denominadas com nomes fictícios de flores, garantindo o sigilo de informações pessoais.

Tabela 01- Perfil das Participantes

ID	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RENDA	OCUPAÇÃO	BENEFÍCIO
Artemísia	30	2º Grau Completo	Divorciada	1 a 2 salários	Estudante	Não
Bonina	42	Fund. Incompleto	União estável	1 a 2 salários	Diarista	Não

Fonte: autoria própria, 2019.

Lírio	41	Fund. Incompleto	Divorciada	Menos de um salário mínimo	Desempregada	Sim
Peônia	35	2º Grau Completo	Solteira	1 a 2 salários	Uber e Massoterapeuta	Não
Astromélia	34	2º Grau Completo	Casada	Menos de um salário mínima	Desempregada	Sim

Assim, observa-se que elas se encontram entre a idade de 30 e 42 anos, compreendido como fase adulta (PIMENTA, 2007); Sendo duas divorciadas, um solteira e duas em uma relação estável (casada e união estável). Tendo predominância a escolaridade de segundo grau completo, e duas com ensino fundamental incompleto. Além disso, destaca que duas dessas mulheres estão sem emprego formal, ocupando-se de trabalhos alternativos. Uma continua com os estudos e duas, estão sem situação de desemprego. A partir do atividade laboral, as pessoas encontram oportunidades para o enfrentamento da pobreza, para o alcance da participação e inclusão social. Contudo, parte da população, ainda inserida em condições de subalternidade e submissão, firma um cenário de desigualdade social. Geralmente às mulheres, ficam com os trabalhos mais precários e pior remunerados, quando comparados aos dos homens. Assim, quando há participação feminina no mercado de trabalho de forma expressiva, a diferença salarial também prevalece (COLCERNIANI; D'ÁVILA; CAVAS, 2015).

De tal modo três das participantes declararam que possui renda de até dois salários mínimos e duas declararam renda compatível com menos de um salário mínimo. Das cinco participantes duas relataram receber benefício socioassistencial, sendo o Bolsa Família, que também tem como objetivo ajudar mulheres com vulnerabilidade financeira na tentativa de sanar suas necessidades básicas (CAMPELLO; NERI, 2013).

b) EMPODERAMENTO E LIBERDADE

O empoderamento nasce no seio de uma realidade de manifestações e reivindicações de direitos das mulheres, por mulheres, tanto individual (psicológico) quanto coletivo (comunitário), atribuindo um significado de poder, autonomia e liberdade (TOLEDO, 2017).

Assim, lançado em 2010 na assembleia geral da ONU, a ONU Mulheres criou princípios

de empoderamento que são: estabelecer liderança corporativa para que haja equidade entre gêneros, tratar mulheres e homens de forma justa com respeito, apoiando os direitos humanos e exonerando a discriminação, ou seja, tratamento igual respeito, direitos e repúdio a discriminação qualquer de gênero; Garantindo saúde, segurança e bem-estar de ambos os gêneros; Promovendo educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres; Apoiando o empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento através das cadeias de suprimentos e marketing, etc. (ONU, 2016).

Dessa forma, o trabalho torna-se um instrumento importante para o empoderamento feminino, aspectos esses dificultado pelas falta de acesso a emprego, pelas ocupações disponíveis para essas mulheres e pelo preconceito presentes quando uma mulher ocupa cargos historicamente determinado a homens, bem como, aquelas em que se confunde seu real objetivo. A participante Peônia expõe bem essa situação, em que descreve o preconceito sofrido por ser motorista e massagista.

“Todo mundo pergunta e fala assim – Nossa uma motorista mulher, mas você é corajosa!! Eu digo – Sim, por que não??! Tem que ser, o pessoal estranha. Tem muitos homens que pensa que a massagista é prostituta, é e... você tá entendendo?! Então eu sempre levo pelo lado ético, profissional, eu sei que tem muitas que leva, né. Entra na prostituição pra poder usar, usa, mas não é a minha profissão, entendeu?”.

Ter ciência do processo histórico e compreender a sucessões de opressão sobre a mulher em todos os âmbitos, trabalho, família, amigos, etc.; Torna-se imprescindível para sua busca pela igualdade. Contudo, nessa pesquisa quando questionados sobre o que é o empoderamento, observa-se o desconhecimento entre quatro das cinco participantes, como pode ser observado no discurso de Artemísia e Peônia, sucessivamente.

“Não tenho conhecimento da palavra”.

“Já ouvi falar, mas não me lembro muito bem”.

Verifica-se a importância da educação sobre gêneros para mulheres e homens, pois tais conhecimento interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses veem a si mesmos e ao outro no cotidiano. A educação favorece na constituição de uma identidade, e educar sobre gênero da visibilidade as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres (HOOKS, 2013).

Curiosamente o fato de não conhecer o conceito de empoderamento não tira delas a percepção de serem mulheres empoderadas. Pois, ao serem questionadas sobre se sentem mulheres com autonomia e com o poder para fazerem escolhas próprias, todas as participantes responderam sim. Uma vez que, se

consideram mulheres em processo de desconstrução, buscando mudar suas histórias pelo enfrentamento da violência a partir do acompanhamento no CRAM. Dessa forma, se percebem corajosas e gratas por terem profissionais para estimulá-las para iniciarem essa nova etapa.

“Digo que sim, porque eu tive coragem de lutar e até hoje tô aqui lutando.” (Lírio)

“Sim! Parece que um lado eu venci.” (Astromélia)

As mudanças para as mulheres é algo construtivo, são passos de desprendimentos emocionais, a serem desmistificados, buscando cada vez mais empoderamento e para isso essas buscam apoio em instituições que proporcionem auxílio para enfrentar e por vezes desvincular do agressor (NETTO, et al., 2012).

No processo de desconstrução da passividade e construção da consciência de capacidade percebe-se ainda, nos discursos dessas mulheres a dificuldade em posicionar-se diante da figura masculina, relatando sentir com menos autonomia e liberdade, conceitos importantes para o empoderamento, principalmente quando estão em um relacionamento amoroso.

“Quando eu me envolvo com alguém eu me reservo de ter minha própria liberdade, de sair, de fazer meus objetivos, porque me resguardo muito em relação ao relacionamento. Mas quando não tem nenhum compromisso, num parceiro, sempre fiz o que eu queria, sempre pra onde vou, falo o que eu quero, luto pelos meus ideais e penso. Só que na verdade é eu que me deixo me abater quando to num relacionamento, me esqueço, deixo de me amar”. (Artemísia)

“Querida fazer as coisas, aí meu marido ficava falando umas coisas que eu não era boa para trabalhar, que era feia, que era burra, que era isso... mas eu tinha inteligência e ele sempre falava que eu não tinha inteligência.” (Astromélia)

“Tem muitas não. Sair, ficar à vontade com todo mundo, com amigos, amigas. Chegar da igreja e todo mundo tá rindo de você. Ahh, você apareceu! Ai, isso, ai pra mim não

foi bom. (Bonina)

A Bonina por exemplo parece apresenta um mal-estar ao ser questionada sobre suas atividades de lazer, como se seu esposo e a sua família desacreditasse que ela se encontrava realmente na igreja. Dessa forma vivendo um controle indireto sobre seu direito de ir e vim. Segundo Araújo (2008) um dos principais fatores que levam as mulheres a permanecerem em uma relação abusiva é crença da naturalidade da dominação masculina, nesse perspectiva, acham natural a situação de controle e não conseguem romper com a opressão.

Porém, a participante Lírio, descreve o empoderamento como a sensação de amparo e conhecimento da mulher sobre seus direitos. Declarando se sentir mais livre e empoderada a partir do momento que começou a ser acompanhada pelo CRAM.

“Quando a mulher se sente amparada, que ela se sente segura sobre os direitos dela”. Agora sim, mas antes não. Não podia conversar com ninguém, não podia vestir roupas, tinha que viver só pra aquela pessoa, apanhando, sofrendo e a partir daquele momento que eu descobri aqui (CRAM) eu não aguento mais nada eu tano certa eu não calo minha boca pra ninguém”.

Assim, o acompanhamento da instituição traz também esperança para Peônia que relata:

Isso é o que eu busco agora, né, liberdade!”

Sentir-se acolhida e apoiada pela instituição transmite segurança e por isso mais posicionamento da participante sobre seus desejos e escolhas. O Centro de Referência de Atendimento à Mulher tem como objetivo prestar informação, orientação jurídica, acompanhamento psicológico/social e jurídico, psicoeducação sobre relação de gêneros e fortalecimento da autoestima de mulheres (BRASIL, 2006). Por isso é importante que os profissionais em defesa dessas mulheres tenham um olhar preventivo, sem prejulgamentos e com trabalho em rede. A infraestruturas e meios de trabalhos devem contribuir para o fortalecimento do atendimento humanizado por parte dos profissionais. Por isso, o processo de mudança também estar interligados com as redes e os profissionais que prestam os serviços (VIEIRA; HASSE, 2016).

c) SER MULHER: VIVER SOB CONTROLE, SEXISMO E MISOGINIA

Ser mulher é multidimensional que perpassa a partir da década de 1960 com as revoluções feministas, demonstrando seu lugar no mundo por direitos iguais. Apesar das influências culturais, as mulheres da atualidade estão mais independentes, conquistando não apenas seu lugar na sociedade mas construindo sua identidade e se desvinculando dos estereótipos refletidos ainda hoje. São mulheres se libertando da linguagem verbal do outro e dando força a sua própria voz (MESTRE, 2004).

Como é possível notar na descrições abaixo, quatro mulheres ao manifestarem suas perceptivas sobre o que é ser mulher, valorizam o Ser feminino, admirando suas virtudes, relatando como essa é essencial na construção social e como deveria ser mais respeitada e valorizada.

“É pra mim... ser mulher é um privilégio, né. Porque imagine o mundo sem mulher como seria, então assim, mulher é tudo, pra mim é tudo, a mulher tem que ser guerreira, também não pode desistir dos seus sonhos, né. Porque tem esse negócio de só o homem que pode lutar, pode trabalhar. A modernidade tá aí, a mulher tem que ser forte, tem que ter sonhos, tem que lutar, entendeu?!” (Peônia)

“Mulher é uma obra divina, magnífica, desde o contato com a natureza humana da criação divina ela é uma base estrutural de uma continuidade de humanidade, onde tem uma perfeição que poucos podem enxergar, até ela mesma, ela não consegue enxergar o tão bom quanto que ela é”. (Artemísia)

“Eu acho que mulher é um nome muito difícil, porque hoje em dia porque a maioria não tá dando valor as mulheres, entendeu?! Tanto no trabalho, como dentro da própria casa, eu acho que a mulher deve ser tratada com mais amor e mais carinho. Eu entendo assim, né...” (Lírio)

“Ser mulher é as pessoas ter respeito pela a gente, e é ter respeito, ter paciência com a gente e não tem.” As vezes o marido não entende que a gente tem que trabalhar e ele não entende, pensa que tá

fazendo coisa errada, e não é, só quero trabalhar e a gente tem o direito de ser feliz, trabalhar e ter as coisa, né”. (Astromélia)

Dessa forma, as participantes percebem a necessidade de uma maior valorização da mulher. Crenças e ações sócio históricas reforçam na mulher seu “status de desvalorização”, igualmente a opressão, misoginia e todo tipo de violência, que estão intimamente ligadas ao sentimento de desqualificação de ser mulher (BECKER; BARBOSA, 2016). Astromélia mostra seu desejo de trabalhar e adquirir seus bens, mas é reprimida pelo companheiro, não poder exercer seu direito, é um tipo de violência sofrida.

A misoginia, o sexismo se caracteriza pelo desprezo ou aversão às mulheres pela forma de repulsa ou ódio em reflexo da figura feminina que está vinculado à violência contra as mulheres (BECKER; BARBOSA, 2016). Através da construção social se solidificou a ideia de inferioridade, passividade em relação a mulher, dessa maneira, o sexo masculino sobrepõe poder a elas, alguns, utiliza-se a violência como recurso para reforçar esse poder. A violência não é apenas física, muitas das vezes acontece de forma velada (DIOTTO; SOUTO, 2018).

Assim, nota-se de forma específica e inespecífica no discurso, o controle velado sobre a mulher, especialmente proibindo-as de atividades, ou determinado específicas por ser mulheres.

“Por ser mulher, já. Em relação a esporte, em relação a lugares a frequentar, né. Em relação a trabalhos também, assim por ser mulher eles não poderiam me aceitar. Funções domésticas, por ser mulher, quem tem que fazer é eu. Desde relação família, já veio isso a criação cultural, que homem não faz, quem faz é mulher, cozinhar, lavar roupa, limpar casa. Mulheres só podem sair com mulheres, não podem sair com outros homens. E no meu ambiente de trabalho também, por ser mulher essa função seria só minha. (Artemísia)

O” homem fala há não vou cozinhar porque isso é serviço pra mulher. Não, o homem pode também cozinhar, porque não? Existe chefe de cozinha! (Peônia)

“Ele disse que mulher dele não é pra usar batom, me proibiu de usar batom, no caso queria tirar minha habilitação que mulher fique dirigindo fugão. Não! Eu falei que mulher dirige é o que quer. É igual roupa se eu vestir um short você é rapariga é uma coisa assim que você não entende, eu acho que a gente tem que usar o que gosta e se tá sentindo bem né”. (Lírio)

Ao observar esses discursos, podemos ver que essa convicção de poder na reafirmação

dos papéis que essas mulheres exercem por meio do controle masculino, ainda se manifesta nos dias atuais em face do feminino, seja na família, no trabalho entre outros (DIOTTO; SOUTO, 2018). Por outro lado, também é possível notar nas narrativas das mulheres um posicionamento, em que retrata a quebra de papéis específicos de homem e mulher, como no discurso de Lírio: “[...] *Eu falei que mulher dirige é o que quer. [...] e peônia: [...] Nãao, o homem pode também cozinhar, porque não? Existe chefe de cozinha!* Isso mostra que de alguma forma essas mulheres estão inserida em um novo ponto de vista, me que pode ajudá-las no enfrentamento do sexismo e no processo de empoderamento.

d) SORORIDADE

A sororidade surge através do empoderamento, para que tenha força nas reivindicações é necessário a união, integridade, solidariedade, sentimento de irmandade para que possam alcançar um objetivo em comum. Dessa forma, a sororidade é o movimento das mulheres se apoiarem mutuamente (SILVEIRA; ALDA, 2018). Por anos, fomos colocadas como rivais, inimigas, principalmente por mulheres de classe e etnia diferentes, e por muito tempo as mulheres realmente acreditou nessa concepção, julgando outras mulheres ou as diminuindo (HOOKS, 2018).

Pesando nisso, foi analisado que apesar de conflitos e rivalidades relatadas por elas com outras mulheres, em seu contexto social e familiar, dizem que em algum momento já se sentiram apoiadas por mulheres. Em vista disso, Peônia expõe:

“Sim! É, eu me senti apoiada assim, em termos de situação difícil, situações complicada de muita convivência e as vezes eu chego e comento com uma amiga aí é.. E aí a pessoa... eu não esperava que aquela pessoa ia me dá um ombro amigo e acaba me apoiando, né, as vezes uma palavra, um diálogo, um suporte, né.

Artemísia descreve o apoio que teve da instituição e de poucas mulheres em sua vida:

“Poucas, mas já. Aqui nesse ambiente (CRAM), vindo pra cá foi uma das poucas pessoas que eu conheci que me deu apoio aos estudos, ao pensamento positivo, futuro, correr atrás dos meus objetivos. A não dar importância para as outras ações negativas das outras pessoas”.

O Centro de Referência À Mulher, torna-se um espaço acolhedor, criando sororidade, aspecto indispensável para o empoderamento feminino. O acolhimento e a escuta são os primeiros procedimentos com as vítimas de violência, a escuta especializada sem preconceitos e com uma rede de multiprofissionais geralmente mulheres, fazem toda diferença no acompanhamento. A sala deve proporcionar um ambiente seguro e sigiloso, para que a acolhida possa sentir um ambiente confiável e possibilitando a espontaneidade para relatar os fatos (BRASIL, 2006).

Isto posto, Bonina reafirma que *“Já. No meu trabalho.”* Astromélia condiz ainda que *“já sim, me deu conselho pra mim sair do meu casamento...”*

Em suma, percebe-se que essas mulheres se unem em prol de alguma situação difícil em apoio a outra mulher, para que juntas possam tomar medidas direcionadas às mudanças, ou seja, as formas de opressão patriarcal. A importância da sororidade é refletida no apoio que fortalece os vínculos entre mulheres, pois a sororidade possui aspectos éticos, e políticos (Becker& Barbosa, 2016). Além disso, a sororidade vai contra a rivalidade estabelecida culturalmente entre as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, pode-se compreender que o processo de empoderamento em mulheres perpassam por diversas dificuldades socioculturais. Para que haja mudanças em relação a realidade atual, necessita-se de uma educação tanto em mulheres para que haja melhor entendimento do que é ser mulher na sociedade atual, compreender o empoderamento, seus direitos, e aumentar o enfrentamento da violência. Dessa forma, ambos os gêneros podem desenvolver um olhar diferenciado não só sobre si, mas sobre o outro e a partir disso, que possa haver respeito. Além disso, observa-se que apesar de se sentirem com autonomia e liberdade para fazer suas escolhas, ainda convivem com discursos machistas, lidando pouco a pouco para um novo espaço social e familiar.

A misoginia está interligada não só com a forma de controle, mas com outros tipos de violência, como a privação de direitos. Segundo relatos das participantes, foi observado que o histórico familiar eram de famílias rígidas, deste modo, elas mantêm com os esposos a dificuldade de se posicionar perante situações de constrangimento. Contudo, observa-se um posicionamento crítico sobre papéis pré-definidos socialmente para homens e mulheres. O que pode mais um passo para o empoderamento, e assim enfrentamento da

violência.

Ouro fator importante e a sororidade entre estas mulheres, mostrando -se fundamental, pois quando o tem, sentem melhor acolhidas. Quando as mulheres se ajudam podem perceberem que as mulheres tem facilidade de observar e reconhecer o comportamento de outra e são abertas para que possam falar de si mesmas como demonstram as entrevistadas, recebendo apoio e fortalecendo-se. As entrevistadas evidenciaram que não tinham liberdade quando estavam com o agressor, mas com o acompanhamento do Centro de Referência de Atendimento à Mulher, puderam desenvolver um pequeno processo de empoderamento, e desse já vivenciarem mais liberdade. Outrossim, constata-se a vivência desse processo de empoderamento refletindo em suas vidas pessoais, familiar e sobretudo social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE NETTO, Leônidas de, et al. Mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2015, 36: 135-142.

AZEVEDO, Vilma Maria. *Os desafios para o empoderamento da mulher agricultora a partir do programa de aquisição de alimentos: o caso de Barbacena- MG*, 2012.

BECKER, Márcia Regina; BARBOSA, Carla Melissa. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e Experiências de Vida e Formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas Ciências Humanas. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2016, 2.2: 243-256.

BRASIL. *Norma Técnica de Uniformização Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres Presidência da República. Brasília, 2006.

CARDOSO, Diogo, et al. Espacialidades e ressonâncias do patrimônio cultural: reflexões sobre identidade e pertencimento. *GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, 2017, 11: 83-97.

CAMPELLO, Tereza; NERI, M.C. *Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania*. Ipea, 2013.

CERQUEIRA, Daniel, et al. *Atlas da violência*, 2019.

CERQUEIRA D.; MOURA, R.; PASINATO. W.; Texto para discussão: Participação No Mercado de Trabalho e Violência Doméstica Contra as Mulheres no Brasil. Rio de Janeiro, agosto de 2019. Acesso em: 28 de Outubro de 2019. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2501.pdf. Acesso em 27 nov. 2022

COOPERSMITH, S. *The antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman, 1967.

COLCERNIANI, Claudia Borges; NETO, Maria Inácia D. 'Ávila; CAVAS, Cláudio de São Thiago. A participação das mulheres no mercado de trabalho sob a perspectiva da teoria da justiça social de Nancy Fraser e dos conceitos relativos ao trabalho decente. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2015, 18.2: 169- 180.

D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; SCHRAIBER, Lilia Blima. Mulheres em situação de violência: entre rotas críticas e redes intersetoriais de atenção. *Revista de Medicina*, 2013, 92.2: 134-140.

SOUZA, Patrícia Alves de; DA ROS, Marco Aurélio. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. *Revista de Ciências Humanas*, 2006, 40: 509-527.

DIOTTO, Nariel.; SOUTO, R.B.; 10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do curso de Direito, 2018. *Empoderamento feminino*, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/160.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª edição. São Paulo, editora Atlas, s.a, 2002.

GOMES, J. J. *Discurso feminino: uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

GUEDES, Mª Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?. *Psicol. cienc. prof.* 1995, vol.15, n.1-3, pp.4-11. ISSN 1414-9893. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>. Acesso em: 28 de Outubro

HOOKS, B. *O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

IBGE. PNAD. *Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil 2009*. Rio de Janeiro, 2010.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. In: Poder y empoderamiento de las mujeres. Bogotá: Tercer Mundo; Universidad Nacional de Colombia, 1998.

MESTRE, M. B. A. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. Tese (doutorado). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. 2004.

ONU. Mulheres. *Princípios de empoderamento de mulheres*. Pacto Global Rede Brasileira, 2016.

ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PIMENTA, Melissa de Mattos. *Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias*. 2007. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

REEBYE, P. Aggression during early years — infancy and preschool. *The Canadian Child and Adolescent Psychiatry Review*, v. 14, n. 1, Feb. 2005.

ROSO, Adriane.; ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico Individual. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 83-95, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. *Coleção Pensadores*. Vol. II. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

TOLEDO, A. C. B. *Me Empodera te Empoderar*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

VIEIRA, Elisabeth Meloni; HASSE, Mariana. Percepções dos profissionais de uma rede intersetorial sobre o atendimento a mulheres em situação de violência. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 21: 52-62. 2016.